

# **MITO, RELIGIÃO E ORGANIZAÇÃO SOCIAL\***

## **Myth, religion and social organization**

**Carlos Alberto Tolovi\*\***

### **Resumo**

O ser humano, diferentemente de todos os outros seres, não tem como desafio apenas adaptar-se ao mundo no qual ele passa a habitar. O Homem tem como desafio indispensável localizar-se no mundo, compreender-se no mundo, explicar e dar sentido ao mundo para sentir-se seguro dentro dele. Em meio a este desafio existencial o ser humano, na construção de seu universo cultural, sempre construiu, junto com este, mitos e religiões. E, assim como em nossa narrativa das origens Deus criou o Homem a partir do "barro primordial", o mito e a religião são construídos com o barro da cultura de um determinado grupo social, que busca organizar-se coletivamente na perspectiva da relação interindividual. Com isso, mito e religião passam a fazer parte das relações sociais, sedimentando valores morais que se transformam em parâmetros institucionais. Nesta perspectiva, o nosso ensaio tem por objetivo propor uma reflexão crítica sobre a relação entre mito e religião, facilitando, por meio de uma linguagem simples e direta, o entendimento de que estes são formas de manifestações humanas que fazem parte da estrutura e da organização social. Mesmo porque, as instituições religiosas sustentam os mitos, e os mitos se sustentam a partir de uma perspectiva religiosa. E, tanto ontem quanto hoje, ambos são cooptados pelos sistemas sócio-político-econômicos para sustentarem uma visão de mundo e uma forma de organização

---

\* Artigo enviado em 09/03/2011 e aceito para publicação em 11/05/2011.

\*\* Graduação em Filosofia (USF-SP) e Teologia (ITESP-SP). Mestrado em Ciências da Religião (PUC-SP). Professor Assistente na Universidade Regional do Cariri pelo departamento de Ciências Sociais (Crato-CE). Diretor de Projetos Sócio-educativos da Fundação Educativa e Cultural ARCA (Altaneira-CE). E-mail: ctolovi@yahoo.com.br

social. Por outro lado, somos desafiados a pensarmos esse movimento numa perspectiva dialética, como algo que diz respeito ao ser humano historicamente situado e desafiado pelas suas condições de sobrevivência, pelos outros e pela natureza, buscando organizar um "lugar seguro" para habitar.

**Palavras-chave:** Mito; cultura; religião; sociedade.

### **Abstract**

The human beings, differently of all others species, do not have only the challenge to adapt themselves in the world in which they inhabit. They also have as an indispensable challenge to establish themselves in the world, understand this world, explain and make sense to this world in order to feel secure inside it. Among this existential challenge, into the construction of their cultural universe, the human beings ever constructed myths and religions at the side of the same cultural universe. So, likely in the narrative of the origins, god created the men from the "primordial mud", the myth and religion were constructed with the mud of the culture linked to a determined social group, which search to organize themselves collectively in the perspective of the inter-individual relationship. In this way, myth and religion start to be a part of the social relations strengthening the moral values which are transformed into institutional parameters. In this perspective, this essay aims to propose a critical reflection on the relationship between myth and religion, facilitating, through a simple and direct language, the understanding that these are forms of human manifestation that are part of the social structure and organization. Even because religious institutions support the myths, and the myths are sustained from a religious perspective. And, both yesterday and today, both systems are co-opted by the socio-politic-economic in order to sustain a world view and a form of social organization. Moreover, we are challenged to think about this movement in a dialectical perspective, as something that concerns the human beings historically situated and challenged by their conditions for survival, for others and for nature, seeking to organize a "safe place" to live.

**KEYWORDS:** Myth; Culture; Religion; Society.

## **1. PREÂMBULO**

Atualmente o estudo sobre o mito ganhou espaço na academia, principalmente no que se refere ao campo da filosofia. Se "ontem" o mito era visto apenas como uma mentira, uma fantasia da mente humana, hoje ele é resgatado como uma das formas de manifestações que revela verdades e mentiras dos seres humanos

vivendo em coletividade, inseridos numa determinada cultura que, por sua vez, revela e determina o limite de sua visão de mundo.

Neste ensaio, por meio de uma análise crítico-filosófica, buscaremos entender o mito numa perspectiva antropológica e sociológica. No entanto, pelo fato dos mitos sempre assumirem características divinas, místicas, mantendo direta relação com o sagrado, não poderíamos deixar de lado a dimensão teológica, na perspectiva da Ciência da Religião. Mesmo porque, entendemos que mito e religião possuem a mesma fonte, a mesma estrutura, e revelam o ser humano na busca de transcendência. Contudo, é importante ressaltar que essa busca é feita de forma coletiva e dentro de uma determinada estrutura social. Afinal de contas, como afirma Rolim, fazendo referência a Durkheim, "as ideações coletivas, a consciência coletiva, as representações, quando são coletivas, precedem o indivíduo e impõe-se a ele" (ROLIM, 1997).

De um lado, por meio de seus mitos e de suas religiões, os grupos sociais projetam a sua visão de mundo, a partir de uma determinada cultura e por meio de uma linguagem simbólica. Foi assim que Deus foi transformado em mito humano e que o humano projetou o divino a partir de suas necessidades.

Não suportando a falta de explicações em muitas situações da vida, os nossos antepassados encontraram nos mitos respostas que lhes trouxeram segurança e "conforto". Afinal de contas, as duas principais funções do mito consistem em explicar a origem das coisas e acomodar. E nessa explicação aparece sempre a ação divina. No entanto, por meio de seus mitos e religiões, estes grupos sociais projetaram, através de uma linguagem simbólica, a sua visão de mundo, inseridos numa determinada cultura. E foi assim que deus<sup>2</sup> se transformou em mito e habitou entre nós.

Mas, afinal de contas, Deus foi transformado em mito ou o mito foi transformado em Deus?

Neste ensaio o que mais nos interessa não é dizer que Deus seja mito ou que o mito seja Deus. O que realmente nos importa para construirmos um primeiro nível de reflexão crítica é revelarmos o quanto o mito influenciou e influencia a nossa linguagem, a nossa visão de mundo, o nosso comportamento, a nossa moral e a nossa organização social. Por isso, buscaremos definir o mito como um elemento fundante da cultura, uma forma de manifestação genuinamente humana, a partir de uma necessidade intrínseca de um ser que possui o poder da imaginação e que precisa se localizar, explicar e se sentir seguro no mundo onde está inserido. Um ser que,

---

<sup>2</sup> Em nosso texto, sempre que aparecer deus com letras minúsculas refere-se ao mito, produzido e divinizado pela coletividade para justificar os desejos e as necessidades de um determinado grupo social.

além de enfrentar o desafio de se construir, tem ainda a necessidade de construir um “cosmos” à sua volta. Nesse contexto, as perguntas ligadas às grandes questões existenciais não podem ficar sem respostas. Mas de onde viriam as respostas para as perguntas que somente os seres humanos são capazes de fazer? O mito nos revela que o mesmo ser que pergunta, para fugir da angústia da dúvida, constrói para si respostas convincentes. Portanto, ao estudarmos os mitos com seriedade temos a grata possibilidade de conhecermos os seres humanos que se manifestam por meio dos mesmos. Porém, esta é uma difícil tarefa enfrentada apenas pelos que possuem a coragem de reelaborarem os seus conceitos, a sua opinião e a sua visão de mundo. Mesmo porque, identificando-se a estrutura do mito identifica-se a estrutura da religião. Identificando-se a estrutura do mito e da religião é possível identificar um importante aspecto da estrutura social.

A grande questão é que, no mito, o ser humano passa a falar em nome de Deus. Nesta perspectiva, o mundo que o ser humano cria para si mesmo é tomado como o mundo criado pela ação e manifestação divina. Dessa forma, a criação é desligada de seu criador, ocorrendo por meio do mito e da religião, a mais clássica forma de alienação. Pois, como afirma Feuerbach, “a religião é o relacionamento do homem com sua própria essência – aí está a sua verdade e redenção moral –, mas com a sua própria essência não como sendo sua, mas de um outro ser diverso dele, até mesmo oposto – aí está a sua inverdade e a sua limitação” (1990, p. 239). E nossa tarefa neste ensaio consiste em ajudar a desvelar essa realidade.

## **2. O NASCIMENTO DO MITO**

Nós, seres humanos, sempre temos a sensação (ou intuição) de que viemos de um Paraíso. Além disso, as narrativas religiosas confirmam esta sensação. Se viemos de Deus, Deus habita o Paraíso. Se viemos de Adão e Eva, eles habitavam num Paraíso. Se viemos do útero de nossa mãe, habitávamos num paraíso. Portanto, se paraíso consiste num lugar seguro e ordenado, nós podemos chamá-lo de cosmos. E, como afirma Mircea Eliade, “A revelação de um espaço sagrado permite que se obtenha um ‘ponto fixo’, possibilitando, com isso, a orientação na homogeneidade caótica, a ‘fundação do mundo’, o viver real” (ELIADE, 2001, p. 27). Portanto, não suportando viver no caos o ser humano busca voltar ao paraíso, ou reconstruí-lo, mesmo que este seja puramente simbólico.

Nesta mesma perspectiva Rubem Alves nos lembra que “no mito o homem e o mundo não podem ser separados, porque ambos se refletem e se interpenetram” (ALVES, 1988, p. 65). Na vida real, no entanto, todo paraíso, todo cosmos (universo ordenado), enfrenta

a adversidade do caos. Afinal de contas, não haveria cosmos se não houvesse o caos.

A primeira situação de caos consiste na emergência do que nós poderíamos chamar de consciência da existência. Com a emergência desse primeiro nível de consciência o ser humano se dá conta de que precisa explicar a sua própria existência e o mundo que o cerca.

Por meio de fenômenos naturais ou sociais o ser humano se depara com situações que lhe trazem insegurança, instabilidade, incerteza, angústia, etc. E para superar tal realidade ele busca respostas, convicções que, mesmo sustentando-se por meio da fé, o confortem, tragam-lhe de volta a segurança, o situem e localizem no universo em que ele habita. Mas o fenômeno, gerado pelo caos, ao qual estamos nos referindo, nunca atinge o indivíduo isolado, e sim a coletividade. Portanto, é a coletividade que anseia por respostas que possam explicar o fenômeno que a atinge. É nesse momento então que surge uma figura estratégica para o nascimento do mito: o narrador.

Nos escritos bíblicos Deus aparece como o grande ordenador que organiza o mundo a partir do caos. "A terra estava sem forma e vazia, as trevas cobriam o abismo um vento impetuoso soprava sobre as águas" (Gn 1,2). Como podemos observar, a intencionalidade divina consiste em preparar um lugar seguro e harmonioso para se habitar. E, para organizar, ele ordena: "Então Deus disse: 'que exista a luz!'" (Gn 1,3). Neste contexto, Deus aparece como o grande narrador que, por meio de sua palavra, revela a sua boa intencionalidade e organiza o mundo.

A função do narrador é explicar, justificar, dar sentido aos acontecimentos ou às angústias geradas por perguntas sem respostas. Mas como dar conta de algo que se localiza para além dos limites da racionalidade humana num determinado tempo e espaço? Apenas a linguagem simbólica pode explicar aquilo que não se pode provar. Afinal de contas, de onde viemos? De onde nasceu o mal? Para onde vamos após a morte? Não basta saber que nada vem do nada e que nada acaba em nada. Muitas outras questões nos restam para serem respondidas.

Assim, o narrador de mito não pode ser qualquer pessoa. Precisa gozar de confiança e credibilidade. Além do mais, precisa perceber o caos, fazer uma leitura dos anseios da coletividade. Mesmo porque, como satisfazer estes anseios por respostas se ele não compreende as perguntas que geram incerteza, angústia e instabilidade no grupo social com o qual se identifica?

Pisando no chão da mesma realidade, com o "barro" da cultura onde está inserido e por meio de uma linguagem simbólica, o

narrador constrói o protótipo do mito. Essa atitude consiste numa "ação divina". Deus fez o homem do boneco de barro: "então Javé modelou o homem com argila do solo" (Gn 1,7). O narrador – homem – faz o "boneco" com o "barro" da sua cultura, a partir dos anseios e desejos da coletividade. Soprando as narinas do boneco deus deu vida ao Homem. Pelo sopro da aceitação coletiva o "boneco de barro" construído pelo narrador ganha vida e torna-se muito maior que os seus criadores.

Mas, o que move o desejo coletivo na mesma direção?

É a necessidade.

Mas, o que explica a dimensão coletiva dessa necessidade?

É a emergência da consciência da existência, habitando o interior de uma mesma "caverna" (Platão), dentro de uma mesma estrutura social. É dentro dessa estrutura que nascem mitos e religiões.

O grande problema é que, normalmente, os mitos já nascem exigindo sacrifícios para que o determinado grupo social nunca esqueça de sua existência, de suas exigências morais e religiosas. Por conseguinte, se a função do sacrifício é atualizar a memória do mito, nasce daí a necessidade do rito. A função do rito consiste em organizar o sacrifício, para que ele aconteça sempre da mesma forma e mantenha a eficiência do mesmo, que por sua vez deve rememorar a existência do mito.

Portanto, a partir da necessidade humana e da imaginação, fazendo uso da linguagem simbólica, os seres humanos constroem e sustentam seus mitos por meio da fé, criando um espaço privilegiado de manifestação e exteriorização de sua própria essência.

### **3. O NASCIMENTO DA RELIGIÃO**

Qual seria a função da religião se não nos localizar de forma segura em meio ao caos do espaço profano e nos conduzir de volta ao paraíso?

No monoteísmo, tendo de admitir que tudo foi criado por Deus, os narradores enfrentam diversos dilemas para explicar a origem e a existência de inúmeras coisas. Se Deus criou homem e mulher, quem nasceu primeiro? Se Deus os criou, onde os colocaria? Se Deus é perfeito Ele poderia produzir o caos? Se Deus é sumamente bom, d'Ele poderia nascer o mal? Mas se Deus criou tudo, como explicar o surgimento do mal ou do caos? Se Deus criou o paraíso, por que a serpente já habitava nele? Se a bondade é a essência, ou seja, aquilo que caracteriza, identifica e se repete na natureza divina, então como explicar o fato de Ele ter colocado no centro do paraíso a árvore com

o fruto do bem e do mal? Então o mal já existia? Mas se foi Deus quem criou tudo, não haveria aí uma contradição?

Diante de questões como estas a razão encontra seu limite. Mas o ser humano não é só razão, ele é também paixão, imaginação, etc.. Ele não aceita, portanto, o limite da racionalidade, a impotência da explicação lógica. Sendo assim, da mesma forma que constrói seus mitos para extrapolar os seus limites e sentir-se seguro, constrói também as suas religiões.

O ser humano, a partir do momento em que toma consciência de sua existência, se depara com incógnitas angústias. Se alguém viveu no paraíso, não foi ele, mas seus antepassados. No entanto, o Homem,<sup>3</sup> em geral, não suporta a ausência de respostas. Mesmo porque, a ausência destas o coloca numa situação de insegurança, sinônimo de caos e desordem.

Se anteriormente afirmamos que o mito é produzido pelo ser humano em coletividade, a partir de seus anseios, desejos e necessidades, aqui nos perguntamos: quem precisa de religião, Deus ou o Homem? A resposta é clara, evidente. Então, se é o ser humano que, na busca de "construir-se a si mesmo"<sup>4</sup> e de se localizar no mundo, precisa da religião, por que e como ele a constrói?

Em primeiro lugar o ser humano é, por excelência, um ser de transcendência. Como afirma Leonardo Boff, "Nós, seres humanos, homens e mulheres, na verdade somos essencialmente seres de protestação, de ação de protesto. Protestamos continuamente. Recusamo-nos a aceitar a realidade na qual estamos mergulhados porque somos mais, e nos sentimos maiores do que tudo o que nos cerca" (BOFF, 2000, p. 22).

Nessa perspectiva podemos dizer que religião é, por excelência, uma porta para a transcendência. E o mais importante aqui consiste em compreender que religião é "invenção humana". Feuerbach, por meio de sua obra "A Essência do Cristianismo", trabalhando a dimensão antropológica da religião, nos diz categoricamente que "o homem é o início da religião, o homem é o meio da religião, o homem é o fim da religião" (FEUERBACH, 1997, p. 223).

Assumindo como referência tais argumentos nós defendemos a ideia de que o ser humano cria religião da mesma forma e pelo mesmo motivo que cria seus mitos. Além do mais, mito e religião possuem a mesma estrutura: propõem a fuga do caos, precisam de

---

<sup>3</sup> Aqui, o "H" quer chamar a atenção para a dimensão machista e excludente de nossa linguagem, além de atribuir ao ser humano característica divina de ponto de vista de um ser com capacidade de criar e transformar.

<sup>4</sup> Sobre este assunto cf. OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Ética e Sociabilidade*, São Paulo, Ed. Loyola, 1993.

narradores, linguagem simbólica, aceitação coletiva, um Deus, exigem sacrifícios, possuem rituais para manterem viva a memória do sagrado. Diante disso podemos afirmar que é com o mesmo barro da cultura de uma determinada coletividade que se constroem mitos e religiões.

#### **4. CULTURA COMO ELEMENTO FUNDANTE DO MITO E DA RELIGIÃO**

Os filósofos cosmocêntricos<sup>5</sup> já afirmavam: “nada vem do nada e nada acaba em nada”. Dentro desse mesmo contexto podemos afirmar que o mito também não nasce do nada, ou mesmo da pura imaginação do gênero humano.

Deus, para criar Adão, construiu um boneco de barro. Assim também, para se construir um mito, faz-se necessário o “barro” de uma determinada cultura. O narrador, inserido nessa cultura, percebendo o desejo e a necessidade da coletividade a qual pertence, transforma elementos culturais em linguagem simbólica, isto é, em signo ideológico. Dessa forma, se a sua cultura é machista deus receberá traços essencialmente masculinos. Se a sua cultura já definiu e relacionou o bom e o belo como branco, então o sagrado será branco.

Esse é o grande problema provocado pela pergunta “quem é Deus?”. Sempre que procuramos definir a imagem de Deus o fazemos a partir de nossas projeções. Afinal de contas, até para falarmos do desconhecido precisamos definir uma referência para ele. Precisamos dar existência a algo para depois buscar defini-lo. Não podemos falar que algo é desconhecido para nós se nem ao menos sabemos de sua existência. É assim que começamos a criar nossos mitos em torno do sagrado para transcendermos os limites da razão ou da fatalidade. O problema é que, para transcender, o ser humano sente a necessidade de materializar e objetivar algo que justifique a sua fé. Assim como ele precisa situar, localizar e objetivar o sagrado. Isso explica a necessidade de pessoas serem declaradas como santas, lugares serem declarados como santos, objetos serem declarados como sagrados. É preciso que alguém fale com Deus mais intimamente (santos); é preciso que se tenha algum lugar onde Deus se manifeste mais facilmente (templos). Como afirma Rubem Alves, “as coisas se tornam expressões, revelações, portadoras e instrumentos das significações nutridas pelo coração. A opacidade do material é rompida e, através de sua transparência, vê-se o sagrado que se revela através do profano” (ALVES, 1988, p.151).

Contudo, historicamente, quem traduz as hierofanias? Quem traduz a vontade de Deus por meio de sua linguagem? Se a cultura

---

<sup>5</sup> Tinham como centro de suas preocupações a explicação da origem e da ordem do cosmos.

for machista, certamente o homem, com suas categorias "masculinizadas". E nessa tradução ele define o lugar e o papel do feminino, traduzido como vontade de Deus. Assim, com o barro da sua cultura ele constrói a "face" de Deus como masculina, a vontade de Deus como machista e o lugar onde Deus se manifesta para legitimar tudo isso.<sup>6</sup> "Acontece que o homem", observa Rubem Alves, "não vive num mundo de fatos brutos, mas num mundo de valores" (ALVES, 1988, p. 148).

Portanto, a partir do lugar cultural onde está situado um determinado grupo social, os narradores constroem respostas para os anseios da coletividade. E como estão presos "aos pés e ao pescoço" (como afirma a alegoria de Platão, no sétimo livro da *República*), interpretam as sombras projetadas de fora para dentro (do passado para o presente), e re-elaboram estas mesmas sombras para garantir a ordem no interior da caverna. Do lado de fora, quem carregava as estatuetas que possibilitavam a projeção das sombras por cima do muro na entrada da caverna (que era da altura aproximada de um homem)? Eram homens! Por outro lado, quem interpretava as sombras projetadas no fundo da caverna? Também eram homens. Com isso, podemos concluir que o homem é produtor e produto da cultura. "Se, por um lado, o homem cria cultura, esta, por sua vez, é criadora do homem em sociedade" (ULLMANN, 1990, p. 86). E com os valores de sua cultura ele constrói mitos e religiões. E por meio dos mitos e das religiões ele projeta os seus valores. E por meio desses valores ele constrói a sua moral. E por meio de sua moral (mítica e religiosa) ele constrói o seu "cosmos", isto é, o seu lugar seguro (o senso comum). E nesta perspectiva, como diria o "velho Durkheim", mito e religião possuem a função de criar coesão.

## 5. A DIMENSÃO MÍTICA DA RELIGIÃO

Em meio a crises geradas por fenômenos naturais e sociais, ou mesmo pela consciência dos mistérios que envolvem a sua própria existência, os seres humanos saem em busca de respostas. Mas as respostas que mais os satisfazem são aquelas absolutas. É nesse contexto que nascem os dogmas fundamentalistas. Mesmo porque, como estas verdades não caem do céu elas precisam brotar da "terra". E, como já vimos, são construídas por meio de uma linguagem simbólica, carregada de emotividade e afetividade. Como afirma Marilena Chauí, "a linguagem simbólica, privilegiando a memória e a imaginação, nos diz como as coisas ou os homens poderiam ter sido ou poderão ser, voltando-se para um possível passado ou para um possível futuro" (CHAUI, 2000, p. 150).

Mas como se constitui esta linguagem? A partir de uma determinada cultura. Portanto, mesmo sendo simbólica tal linguagem

---

<sup>6</sup> Sobre este assunto, cf. ALVIM DE BARROS, Maria Nazareth. *As Deusas, as Bruxas e a Igreja: Séculos de Perseguição*, Rio de Janeiro, Ed. Rosa dos Tempos, 2004.

não supera ou transcende a visão de mundo do narrador que, por sua vez, reflete a visão de mundo de sua época, com seus conceitos e pré-conceitos. Com isso, se a sociedade é patriarcal ou machista, Deus não pode ser chamado de mãe; só a prostituta pode ser apedrejada; só o homem pode receber a “graça” dos mais importantes poderes hierárquicos eclesiais; só o branco pode ser angelical, se a sociedade do narrador é racista. E como as narrativas normalmente são elaboradas pelos vencedores (em sua maioria, colonizadores), o narrador projeta no mito a sua “imagem e semelhança”. Sendo assim, fica fácil entender porque Jesus adquiriu olhos azuis e cabelos loiros; é simples compreender a relação entre a graça divina e a cor branca; simples também é perceber porque o diabo deve ser visto como vermelho, negro, etc. Afinal, é o ser humano construindo respostas para as suas próprias inquietações, a partir das suas próprias categorias culturais e sociais.

Portando, afirmamos aqui a nossa tese: mito e religião possuem uma mesma estrutura; um mesmo substrato. Sendo assim, mitos e religiões nascem de uma determinada cultura, a partir do desejo e da necessidade da coletividade que busca formas de transcendência, por meio da imaginação. Se o ser humano, por exemplo, não aceita a morte como um trágico fim, ele, por meio dos narradores das religiões e dos mitos, busca afirmações que alimentem a sua esperança. Nascem, portanto, as teorias do céu, do inferno, do purgatório, da reencarnação, etc. Todas revelam o desejo de transcendência e dependem da fé para se manterem. E quando as instituições religiosas fazem isso em nome de Deus, elas estão, na verdade, criando um mito. Isto é, uma narrativa simbólica do inexplicável, oferecida como conteúdo de fé para a coletividade que, por sua vez, expressa a sua adesão por meio de sacrifícios e rituais periódicos.

## **6. A DIMENSÃO RELIGIOSA DO MITO**

Podemos afirmar que a nossa cultura ocidental é profundamente marcada pela dimensão religiosa. O teocentrismo não foi apenas um fenômeno religioso que ficou nos limites da instituição católica. A sua influência condicionou a cultura e a visão de mundo de diversas gerações. E o mais incrível é que ainda não foi superada. A teologia que sustenta o fundamentalismo no mundo de hoje, mesmo em outras culturas e religiões, tem a sua principal referência no teocentrismo. O mesmo podemos observar no pentecostalismo ocidental: ainda é a mesma teologia teocêntrica da Idade Média. Apenas a roupagem é que mudou.

Uma outra característica da teologia que predominou consiste na relação de retribuição. Uma das características fortes encontrada no mito: a exigência do sacrifício. O fiel negocia com Deus e oferece a

ele um sacrifício, ou para conseguir algo que deseja, ou para agradecer algo que conseguiu.

Mas, como podemos entender a estrutura e o poder dessa teologia? Entendendo a estrutura e o poder do mito. Estruturalmente o mito do messias perpassa diversas culturas e gerações, desde milhares de anos antes de Jesus, até os dias de hoje. O mesmo acontece com o mito do "Cristo". Diante da realidade caótica, da insegurança, da angústia que emana da imanência concreta, o ser humano, coletivamente, não percebendo nem acreditando no poder de superação dos seus limites pela sua própria organização e iniciativa, clama por alguém que venha "de fora" para resolver os seus problemas. E se este for "crucificado" defendendo a causa dos "indefesos" será idolatrado como a vítima perfeita, a partir da qual se poderá construir ritual, organização, institucionalização, como forma de superação do caos.

Jesus é um claro exemplo disso: os seus seguidores o transformaram no Cristo, uma figura mitológica. E a partir desta figura as narrativas foram se somando, tomando como base as necessidades coletivas de um determinado grupo. Exaltando o sacrifício, a cruz, o pão e o vinho tornaram-se signos centrais de um ritual que se transformou na principal justificativa da existência institucional. E com isso, a *ecclesia*, que representava uma Igreja sem hierarquia, onde o testemunho significava um elemento central da fé, foi sendo substituída pela realidade fria do dogmatismo e do ritualismo hierárquico. Sendo assim, os narradores, pregando a fuga do caos e oferecendo o "cosmos" para os fiéis, gera uma aceitação coletiva, onde o deus institucional exige sacrifícios e rituais para manter a paz. Eis aí a afirmação da estrutura mítica na base da religião.

## **7. A FUNÇÃO DO MITO E DA RELIGIÃO**

Analisando a origem do mito podemos verificar e reafirmar o argumento de que ele nasce do "chão" de uma determinada cultura, isto é, da cultura de um determinado grupo social que, vivendo as ameaças de fenômenos naturais ou sociais, buscam nos mitos respostas para as suas indagações. Nessa perspectiva podemos definir uma primeira e fundamental função do mito: ***explicar a origem das coisas***.

De onde viemos? Para onde vamos? O que estamos fazendo aqui? Qual o nosso lugar no mundo? Estas, por exemplo, são algumas das muitas perguntas que geram incerteza, insegurança, instabilidade, enfim, desconforto. Além do mais, elas extrapolam os limites da racionalidade humana. E o desconhecido nos assusta, pois consiste naquilo que sabemos que existe, mas não podemos explicar.

É como a morte: temos a certeza de sua existência, pois já vimos muitos morrerem e sabemos que morreremos também. Mas, como defini-la? Mesmo não sabendo, não podemos ignorar tal realidade. Até porque, não somos somente razão, somos compostos de imaginação, de sentimentos, de afetividade, de desejos. Nesse contexto, Augusto Novaski, em seu artigo "Mito e Racionalidade Filosófica", afirma que "o ser humano é colocado no ser não pela razão ou pelo intelecto, mas pelo desejo" (NOVASKI, 1988, p. 26). Desejamos explicações e verdades absolutas, desejamos fugir da ameaça do caos, desejamos nos localizar no "universo" em que vivemos, desejamos a transcendência, desejamos a perfeição.

Para a criança, no útero de sua mãe, nove meses representam toda uma vida. Por outro lado, o nascimento representa o momento da "morte". Enquanto do lado de fora pais e parentes esperam ansiosamente o que definem como o "momento do nascimento", do lado de dentro a criança está sofrendo pelo fato de estar sendo expulsa brutalmente de seu paraíso. As contrações, as mãos da enfermeira, as mãos do médico, tudo torna inevitável esse momento mágico: a vida enfrentando a morte para continuar seu curso. Ela não pode imaginar o que a espera do "lado de fora". Assim como aqui, neste grande útero onde estamos inseridos, não podemos saber exatamente o que nos espera do outro lado da morte. Mas da mesma forma, lutamos para fugir deste trágico momento, que nos assusta a vida inteira.

De qualquer forma, o que nos importa é o fato de estarmos sempre buscando reconstruir o cosmos e o paraíso que perdemos.

A partir do que definimos até aqui podemos identificar uma segunda função do mito: por meio de narrativas explicativas e justificativas **situa e localiza o ser humano no mundo**. Como já vimos anteriormente, através da contribuição de Mircea Eliade, o ser humano busca constantemente fugir do caos e reconstruir o cosmos, mesmo que este seja estruturado por uma narrativa simbólica que dependa — única e exclusivamente — da fé para ganhar vida.

Quando, no entanto, o mito explica e justifica acontecimentos e fenômenos (naturais ou sociais), ele assume também uma terceira função: **acomodar**. Gostaríamos de destacar esta função, por entendermos que justifica grande parte das narrativas míticas da atualidade.

De que adianta buscar alternativas sócio-político-econômicas para um país se a globalização constitui hoje o "único caminho de salvação"?

Como afirma Jung Mo Sung, referindo-se aos defensores do atual sistema de globalização: “quando o mercado for ‘tudo em todos’ os problemas acabarão” (1998, p. 26).

Os narradores do sistema capitalista, convencendo a humanidade dessa afirmativa, estarão desestruturando qualquer foco de resistência, na tentativa de construir uma outra via de acesso ao bem-estar coletivo. Para a sociedade, basta aceitar o sacrifício exigido pelo mercado.

Nesta perspectiva de acomodação podemos compreender melhor a visão e um determinado grupo social, nos limites de sua cultura, percebendo melhor as consequências da narrativa mítica.

Se no nordeste só chove quando for vontade de Deus, por que cuidar da natureza, das matas, das fontes de águas naturais, etc.?

Se toda morte só acontece pela vontade de Deus, “quando chega a hora”, por que nos responsabilizarmos pelos que morrem de fome?

É justamente dessa forma que “Deus se torna mito e passa a habitar entre nós”, nos conformando, nos acomodando, nos consolando, justificando tudo. Inclusive o “destino”. A narrativa mítica tem o poder de tirar da coletividade a responsabilidade pelas consequências de suas ações. Mantém o ser humano na “menoridade”. Com isso ele não assume o protagonismo de sua própria história. E é nesse contexto que Feuerbach afirma que “a religião é a essência infantil da humanidade” (1997, p. 56).

Nessa perspectiva, Nietzsche estava certo: este deus tem que morrer para que o ser humano possa assumir aquilo que é seu e conduzir a sua própria história, assumindo, portanto, a responsabilidade de suas escolhas que sempre geram consequências boas ou ruins.

## **8. A VÍTIMA, O SACRIFÍCIO E O RITUAL**

Como vimos anteriormente, para fugir do caos e do sofrimento desmedido, a coletividade, estimulada pelos ídolos, aceita pagar o preço de um sacrifício. Foi assim que, no Brasil e na América Latina, a Igreja Universal do Reino de Deus construiu o seu império. Rede de televisão, emissoras de rádio, grandes estabelecimentos comerciais, etc., tudo foi comprado com o “sangue” dos que foram seduzidos por uma nova narrativa, iludidos por um novo ritual e induzidos a fazerem as suas doações “a deus”, como forma de sacrifício. E, como esta, muitas outras instituições, com o mesmo método, com a mesma narrativa simbólico-teológica (pentecostal), estão no mesmo caminho. Mesmo porque, se o capitalismo produz um vazio

existencial através de uma falsa utopia<sup>7</sup>, a religião preenche esse vazio e oferece um sentido pra se viver.

Temos de admitir que o método é eficiente. Funcionou na idade média com a Igreja católica e fez desta a maior proprietária de terras produtivas da Europa. Grande parte do movimento pentecostal revestiu de uma nova roupagem uma tática antiga: **transformou deus em mito**, abandonando a dimensão da ética e, por meio de uma ideologia negativa, enganou e continua enganando multidões.

Mas, por que a vítima é tão importante no mecanismo do mito? Porque o mito alimenta-se do sacrifício, ligado à violência.<sup>8</sup>

E a vítima, como é escolhida? Pode ser qualquer ser vivo? Não! Como afirma René Girard, em sua obra *A Violência e o Sagrado*, a vítima possui duas características fundamentais: é inocente e não possui poder de reação.

Em geral, quanto mais inocente a vítima, mais apropriada para o sacrifício. Abraão conduzia seu filho (inocente) ao sacrifício (Gn 22,1-14). E quando Deus interveio por meio de seu anjo para evitar que o pai assassinasse o próprio filho, também lhe ofereceu um cordeiro. O cordeiro, por exemplo, tem características de um animal inocente. E, além disso, mesmo na hora do sacrifício não reage. Sendo assim, este, diferentemente do leão, pode servir de referência também para a vítima humana. Até Jesus, diante da tortura humilhante que sofreu, foi transformado, pelos narradores, em "cordeiro de Deus". Afinal de contas, mesmo diante da tortura e do sofrimento ele não reagiu. Neste contexto, identificar um líder religioso como pastor significa dizer que ele é o condutor das ovelhas. Sendo assim, a pastoral poderia ser entendida como a ação de "alimentar" (esperança) e "cuidar" (diante do medo) das ovelhas. Com isso, através do medo e da esperança, as instituições religiosas acabam assumindo uma dimensão de controle social com impacto direto na política, na economia, etc. A religião assume o "cuidado com os inocentes" e cuida para que a reação destes seja apenas em função do medo (representado pelo diabo) e da esperança (representado por Deus). O problema é que o "diabo" nunca é visto como representação de uma realidade social injusta contra a qual o crente precisa reagir. O crente é representado como o "fiel". E, a figura do fiel nunca é associada à rebeldia. O profetismo não aponta

---

<sup>7</sup> No sentido positivo defendemos o conceito de utopia como um ideal a ser alcançado por alguém que sabe onde está e onde quer chegar, mesmo tendo consciência de que a luta não se esgota. Por meio de uma linguagem simbólica, poderíamos afirmar que utopia consiste em estar com "os pés no chão, os olhos abertos, mirando uma direção". Algo que se começa aqui e agora, mesmo que não se realize plenamente. No sentido negativo, ocorre a ausência da consciência histórica. O movimento do pentecostalismo faz as pessoas "tirarem os pés do chão e colocarem a cabeça nas nuvens". Com isso elas deixam de olhar criticamente para a sua realidade. O que ocorre na sociedade e na política não pertence à sua realidade, à sua preocupação ou responsabilidade.

<sup>8</sup> Sobre este assunto cf. GIRARD, René. *A Violência e o Sagrado*, São Paulo, Ed. Unesp, 1990.

mais para uma realidade imanente, mas apenas para uma realidade transcendente: "o céu espera o fiel".

No sistema capitalista, por exemplo, diante de qualquer sinal de crise que possa colocar em risco o grande deus capital, logo é anunciado mais um sacrifício. Sendo assim, quando o Estado a serviço do poder econômico nacional e internacional é "forçado" a decretar corte de verbas nas áreas da saúde e da educação, tal decisão já está selecionando a vítima de um determinado perfil. Na área da educação, os que possuem melhores condições financeiras colocam seus filhos em escolas particulares. Na área da saúde, os privilegiados buscam logo um plano particular. Estes, por possuírem poder de reação, a partir do próprio capital, já estarão fugindo do sacrifício. Àqueles, sem perceberem que são as vítimas escolhidas pelo mecanismo sacrificial do sistema, e sem poder de reação, são transformados em fonte de sustentação do deus mítico, que necessita e exige o sangue e o suor de inocentes.

Como afirma Mo Sung, "os sacrifícios são sempre impostos sobre a população mais pobre, enquanto que o setor mais rico se beneficia dos sacrifícios de vida dos pobres com o aumento de sua riqueza" (1998, p. 31).

A partir desta nova perspectiva não existem excluídos. O mecanismo sacrificial faz da vítima um elemento necessário e importante para a manutenção do sistema. Portanto, faz sentido todo um esforço no campo do assistencialismo e do paternalismo. Manter viva a vítima para usá-la nos rituais em memória do "grande deus" faz parte de um plano de inclusão. No Brasil, nesses últimos anos, por exemplo, para que serviram os projetos assistencialistas do governo? É uma forma de manter viva a vítima que será usada sistematicamente no ritual do sistema capitalista, que continua produzindo injustiça social pela desigualdade na distribuição de renda, ou uma forma de inclusão social.

No contexto mundial os países subdesenvolvidos representam as vítimas, por excelência, do sistema sócio-político e econômico na lógica do capitalismo. A dívida externa, portanto, é a forma de garantir o ritual. Esse rito, por sua vez, tem a função de organizar o sacrifício e manter viva a memória do mito, isto é, da existência do "grande deus".

Contudo, como justificar o empobrecimento, a miséria, o sofrimento e a morte de tantos inocentes?

Como afirma Jung Mo Sung, "o sofrimento e a morte dos pobres, na medida em que são considerados como um outro lado da moeda do 'progresso redentor', são interpretados como 'sacrifícios necessários' para esse mesmo progresso" (1998, p.30).

Contudo, o mais importante para nós aqui consiste em perceber a força do sacrifício e do ritual num sistema vitimário que inclui os que poderíamos definir como excluídos. Num país onde o desemprego aterroriza a população, ter um imenso número de desempregados torna-se um elemento importante no poder de barganha de quem detém os meios de produção: “se você não aceita este salário, são muitos os que gostariam de ocupar o seu lugar”. Sendo assim, mesmo sem trabalhar, mesmo sem produzir, mesmo sem consumir, os desempregados são mantidos vivos para serem incluídos no mecanismo sacrificial. Afinal de contas, em geral, são inocentes; e por não possuírem capital, não possuem poder de reação.

Em meio a tudo isso faz-se necessário desvelar o papel das ONGs (Organizações Não Governamentais). Em geral elas compõem uma “peça” fundamental para a manutenção do sistema vitimário. Por meio destas, os “excluídos” são reabsorvidos, o impacto social amenizado e o sistema pode continuar produzindo o “seu lixo humano”, sabendo que este servirá de “consolo para os vencedores”.

Em consequência disso podemos perceber o terceiro setor (ONGs) crescendo a cada dia, com grandes investimentos em projetos sócio-educativos. Dessa forma eles cumprem uma função importante: manter em funcionamento o mecanismo de inclusão social na perspectiva do acúmulo de capital. Enquanto as Organizações Não Governamentais “incluem”, elas tornam suportáveis a manutenção do *status quo*, controlado por uma minoria. E como um grande número de ONGs está ligado a instituições religiosas, o processo de alienação torna-se ainda mais eficiente: o “fiel” não precisa reconhecer-se como sujeito co-responsável pela transformação de sua realidade, basta que se conforme a ela, compreendendo os acontecimentos como “vontade de Deus”. Um Deus que exige sacrifícios, organizados pelos próprios seres humanos por meio de seus rituais.

## **9. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Poderíamos escrever ainda muito sobre mito e religião. No entanto, no limite desta reflexão crítica nos contentamos em gerar uma discussão que pode render muitos frutos por meio de debates, dentro e fora das instituições religiosas e acadêmicas. Nós estamos habituados a aceitar a afirmação do senso comum de que “religião e política não se discute”, quando, na realidade, são as duas dimensões que mais influenciam a nossa vida, o nosso dia-a-dia, a nossa visão de mundo e a luta pela sobrevivência.

Quando Marx afirma a necessidade da crítica da religião como condição preliminar de toda a crítica<sup>9</sup>, fundamenta a nossa

---

<sup>9</sup> Cf. MARX, Karl. Crítica da Filosofia do Direito de Hegel, em MARX & ENGELS, *Sobre a Religião*. Lisboa: Ed. 70, p. 45.

preocupação em revelar que até os grandes sistemas de dominação se utilizam de preceitos religiosos, dogmáticos e míticos para manter a sua eficiência. Jung Mo Sung, em sua obra *Desejo, Mercado e Religião*, busca revelar que o sistema capitalista utiliza-se completamente de categorias teológicas para justificar o seu domínio. O autor afirma a necessidade de revelarmos a teologia implícita (que nós podemos definir como ideológica), levando em conta duas questões fundamentais:

“Primeiro, quem pratica o mal em nome de algum deus perverso (ídolo), ou de uma devoção religiosa, possui uma consciência tranquila (cf. Sl 73,12). Isso porque, o mal que ele pratica contra os ‘pequenos’ não é visto como mal, mas sim como uma obra salvífica. Com isso, o seu mal não conhece limites. Segundo, se o sistema capitalista produz uma ‘religião econômica’, ele consegue fascinar as pessoas com as suas promessas e exigências de sacrifícios. Um povo fascinado pelo ‘aroma religioso’ capitalista luta para entrar no ‘santuário’ do mercado, mas não para construir uma sociedade mais fraterna, justa e humana” (MO SUNG, 1997, p. 22).

Diversos líderes, no campo da religião e da filosofia tentaram denunciar esse grande erro epistemológico e teológico da humanidade. Mas o que aconteceu com eles? O trágico fim de Sócrates e de Jesus revela que a humanidade prefere o “interior da caverna”. Filósofos como Marx, Feuerbach e Nietzsche tentaram dizer ao mundo que o nosso paradigma, no que diz respeito à religião, estava errado. Tentaram denunciar que esse erro foi produzido e assumido pela nossa cultura. Contudo, o apelo dessas “águias gigantes” voando do lado de fora do “galinheiro”, onde outras águias continuam sendo criadas como galinhas<sup>10</sup>, acomodadas no “lugar seguro” do senso comum, não ganhou tanta repercussão. Os narradores, responsáveis pela manutenção da “ordem cósmica” da cultura local se apressaram em afirmar que eles estavam loucos. Falando do que não conheciam, blasfemando e representando um risco para a moral, ordenadora do mundo. Contentes com o “milho” que os narradores dos mitos lhes jogam constantemente. Papel que a mídia assumiu com muita propriedade nos nossos dias.

Por meio deste ensaio tivemos a pretensão de afirmar que mito e religião situam-se na essência do ser humano: a imaginação, o desejo, a necessidade de transcendência, no interior de uma determinada cultura e estrutura social. E como podemos conhecer o ser humano se não buscarmos compreender a sua essência? Como podemos negar o que produzimos se as nossas produções e projeções nos revelam? Mitos e religiões podem revelar ou esconder, explicitar ou proteger o ser humano na sua mais desafiadora missão

---

<sup>10</sup> Cf. BOFF, Leonardo. *A Águia e a Galinha*, Petrópolis, 9ª ed. Ed. Vozes, 1997.

que consiste no conhecimento de si mesmo e da realidade que o cerca.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALVES, Rubens. *O Enigma da Religião*. 4ª ed. Campinas: Ed. Papirus, 1988.

ALVIM DE BARROS, Maria Nazareth. *As Deusas, as Bruxas e a Igreja: Séculos de Perseguição*. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 8ª ed., São Paulo: Ed. Hucitec, 1997.

BOFF, Leonardo. *Tempo de Transcendência: O Ser Humano como um Projeto Infinito*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Ed. Sextante, 2000.

\_\_\_\_\_. *A Águia e a Galinha*. 9ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1997.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. 7ª ed. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

\_\_\_\_\_. *O Que é Ideologia*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984 (Coleção Primeiros passos; 7).

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano. A Essência das Religiões*. Trad. Rogério Fernandes, São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2001.

FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*. Trad. José da Silva Brandão, 2ª ed. Campinas: Ed. Papirus, 1997.

GIRARD, René. *A Violência e o Sagrado*. São Paulo: Ed. UNESP, 1990.

MARX, Karl. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. In. MARX & ENGELS, *Sobre a Religião*. Lisboa: Ed. 70, 1983.

MO SUNG, Jung. *Desejo, Mercado e Religião*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.

NOVASKI, Augusto. *Mito e Racionalidade Filosófica*. In MORAIS, Régis de (org.). *As Razões do Mito*. Campinas: Papirus, 1988.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Ética e Sociabilidade*, São Paulo, Ed. Loyola, 1993.

ULLMANN, Reinhold Aloysio. *Antropologia cultural: o Homem e a Cultura*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1991.